



Titular da Saúde reconhece que evento adverso ocorrido em São Paulo não é motivo para interromper campanha de imunização entre adolescentes. Ministério, porém, não muda orientação. Pesquisa mostra desconfiança de jovens em relação à pasta

# Vaiivém de Queiroga confunde a população

## Terceira dose: ritmo desigual

» GABRIELA BERNARDES\*

O Plano Nacional de Imunização (PNI) definiu a aplicação da terceira dose de vacina contra a covid-19 na última quarta-feira. Com a falta de unidade na campanha vacinal pelo país, que se mantém desde o início do programa de imunização contra a doença, porém, alguns estados começaram a aplicar a dose de reforço há semanas, enquanto outros ainda não têm nem previsão.

Dezoito capitais brasileiras já aplicavam a terceira dose da vacina antes da determinação do Ministério. Além de idosos acima de 70 anos que completaram o ciclo vacinal há seis meses, a aplicação desse reforço se destina às pessoas que fizeram algum tipo de transplante ou que tomaram a segunda dose (ou dose única) há, pelo menos, 28 dias, de acordo com a pasta.

O reforço vacinal vale para quem tomou qualquer vacina e será realizado, preferencialmente, com uma dose da Pfizer, de acordo com o ministro da saúde, Marcelo Queiroga. Em caso de falta, o reforço deve ser realizado com doses da Janssen ou AstraZeneca.

Na capital de São Paulo, as doses de reforço estão sendo oferecidas desde 6 de setembro. Nesta semana, a terceira dose passa a ser oferecida para idosos a partir de 80 anos, além de imunossuprimidos com mais de 18 anos.

No Rio de Janeiro, que iniciou a campanha para a terceira dose em 1º de setembro, mas lida com falta de doses da Pfizer há semanas, a vacina de reforço está sendo aplicada em pessoas com 89 anos ou mais. Nos imunossuprimidos, o estado tem priorizado aqueles a partir dos 60 anos. No total, 10.600 idosos já haviam recebido a dose de reforço até a última quarta-feira.

Outras capitais como Salvador, São Luís, Campo Grande, Curitiba, Goiânia, Fortaleza e Belo Horizonte se adiantam a aplicar a próxima dose. Em Salvador, 14.700 pessoas haviam tomado a terceira dose de reforço até o último dia 15.

\*Estagiária sob supervisão de Odail Figueiredo

WaltersonRosa/MS



Ministro diz que problemas observados não são suficientes para relativizar benefícios da vacinação, mas afirma que precisa avaliar os casos

» MARIA EDUARDA CARDIM

Depois de suspender a vacinação contra a covid-19 de adolescentes sem comorbidades, alegando a ocorrência de eventos adversos na imunização desse grupo que já acontecia país a fora, o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, se contradisse ontem ao afirmar que um evento adverso da vacina não é justificativa para paralisar a campanha de vacinação ou relativizar os benefícios da imunização. Mesmo assim, a pasta da Saúde mantém a suspensão da vacinação dos jovens de 12 a 17 anos. A orientação, contudo, vem sendo ignorada pela maioria dos estados e capitais.

“A gente teve um efeito adverso, e a mim cabe avaliar esses efeitos adversos da vacina. Eles existem e não são motivos para suspender campanha de vacinação ou relativizar seus benefícios, mas a autoridade sanitária tem que avaliar esses casos até para que façam as notificações devidas”, afirmou Queiroga a jornalistas, em Nova York, onde acompanha o presidente Jair Bolsonaro.

Na semana passada, quando ordenou a suspensão da vacinação de adolescentes de 12 a 17 anos sem comorbidades, Queiroga disse que era por uma questão de “cautela” e de falta de “evidências científicas sólidas” que garantissem que não havia riscos para esse grupo.

O ministro chegou a citar a morte de uma adolescente de São Paulo, que recebeu a vacina da Pfizer dias antes do óbito. No entanto, segundo uma análise divulgada pelo governo do estado, a morte da jovem de 16 anos não teve relação com a vacina, tendo sido decorrência de uma doença autoimune denominada púrpura trombótica trombocitopênica (PPT).

Mesmo com a análise do governo paulista, o Ministério da Saúde ainda não voltou atrás na decisão e diz que aguarda a conclusão da

análise do caso ser feita pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e pelo Programa Nacional de Imunizações (PNI). Ontem, representantes da Anvisa se reuniram, em São Paulo, para obter mais informações sobre o caso da morte da adolescente. A conclusão da agência é de que, até o momento, “os achados apontam para a manutenção da relação benefício versus risco para todas as vacinas autorizadas no Brasil, ou seja, os benefícios da vacinação excedem significativamente os seus potenciais riscos”.

O **Correio** questionou se a análise feita pelo PNI já estava finalizada e se houve mudança na orientação, mas em nota, o ministério informou somente que vai “priorizar a vacinação das faixas etárias com maiores riscos de

desenvolverem formas mais severas da doença”. “Portanto, neste momento, a pasta orienta que a vacina covid-19 seja aplicada apenas em adolescentes com comorbidades”, completou.

### Confusão

A decisão causou controvérsia e reforçou a imagem associada ao Ministério da Saúde desde o início da pandemia: a de que passa mensagens confusas. Uma pesquisa feita no início do mês mostrou que essa é a percepção da maioria dos jovens. Cerca de 52% acreditam que as informações e mensagens do governo e das fontes sanitárias a respeito da pandemia são confusas.

A pesquisa foi feita no início de setembro e ouviu 4 mil jovens

entre 12 e 24 anos de idade usuá-rios do aplicativo Yubo, que é voltado para a geração Z e tem 2,5 milhões de usuários no Brasil. A pesquisa abordou pontos ligados à imunização contra a covid-19 e, mesmo antes da insegurança criada pela pasta em relação à vacinação de adolescentes, uma pequena parte deles, 19,4% afirmou que não iriam tomar a vacina.

Dentro desse universo de 776 jovens que indicaram que não se iriam vacinar, 34% disseram que querem esperar mais um pouco para ver o que aconteceria com outras pessoas sendo imunizadas antes de tomar uma decisão; 24% achavam que ainda não fizeram as pesquisas necessárias com as vacinas; 16% não sabem a vacina certa para eles;

15% possuem preocupação com efeitos colaterais da Pfizer; 11% possuem preocupação com os efeitos colaterais da CoronaVac; 5% possuem preocupação com os efeitos colaterais da AstraZeneca, e 7% acreditam que não precisam de vacina pois não pretendem sair de casa.

A epidemiologista Ethel Maciel, pós-doutora pela Universidade Johns Hopkins e professora da Universidade Federal do Espírito Santo, classifica a suspensão da vacinação contra a covid-19 de adolescentes sem comorbidades uma irresponsabilidade do governo. “Considero a atitude do governo muito irresponsável. Ajuda no movimento antivacina e parece uma tentativa de colocar em dúvida os imunizantes”, afirma.

## CRIME

# Bandidos fogem após sequestrar helicóptero

O piloto de helicóptero Adonis Lopes foi rendido por dois homens e entrou em luta corporal em pleno voo durante uma viagem entre Angra dos Reis e o Rio, na tarde do último domingo. Os criminosos queriam que ele sobrevoasse o Complexo de Presídios de Gericinó, em Bangu, na zona oeste do Rio.

Lopes chegou a fazer uma manobra de emergência sobre um Batalhão da Polícia Militar. Com medo que a aeronave caísse, os suspeitos acabaram desistindo do sequestro.

Segundo a Polícia Civil, a dupla havia contratado um voo do Rio para Angra dos Reis pela manhã, com retorno para a capital previsto para acontecer

ontem. No fim da tarde, contudo, os passageiros anteciparam a volta. O piloto que fizera o voo de ida não se sentia bem e pediu que a viagem de retorno fosse feita pelo colega.

Adonis, que o substituiu, é piloto da própria Polícia Civil, mas fez o voo em aeronave particular. De acordo com a polícia, logo após a decolagem, ele foi rendido e avisado de que deveria ir para o presídio de Bangu.

“Durante o trajeto, o piloto realizou uma manobra para pousar em um batalhão da Polícia Militar. Ao perceber a manobra, os marginais agarraram o piloto, que entrou em luta corporal com os criminosos”, narrou a corporação. “Após alguns

Fabio Costa/Agência O Dia



Adonis Lopes entrou em luta corporal com os sequestradores, que queriam levar aeronave ao Presídio de Bangu

segundos, percebendo que o helicóptero cairia, deixaram o piloto voltar a conduzir a aeronave.

Os bandidos desistiram do plano e mandaram seguir para Niterói, onde pularam do helicóptero em

uma área de mata.” Após a fuga, o piloto pousou a aeronave no Grupamento de

Aeromóvel da Polícia Militar, também em Niterói. Os policiais fizeram buscas pela região, mas não encontraram os suspeitos. O caso foi registrado na Delegacia de Repressão às Ações Criminosas Organizadas e Inquiridos Especiais (Draco).

O episódio trouxe à memória da equipe o ocorrido em 31 de dezembro de 1985, quando um helicóptero sequestrado foi usado para a fuga do traficante José Carlos dos Reis Encina, o Escadinha, que cumpria pena na Ilha Grande. O aparelho o levou para o continente. Um dos chefes da Falange Vermelha, que originou o Comando Vermelho, Escadinha foi morto em 2004. Outro helicóptero também sequestrado foi usado, em 1987, para tentar resgatar detentos do Presídio Milton Dias Moreira, na Rua Frei Caneca. A aeronave foi alvejada, explodiu e dois presos morreram.